

DO MUSEU DAS MONÇÕES AO MUSEU PAULISTA

Sempre olhei com desconfiança para o museu histórico da cidade onde vivo, Porto Feliz. Era como me lembro, meio abandonado com algumas reproduções obras de arte, que hoje sei são réplicas. Na entrada a gente assinava um livro e cumprimentava um senhor que foi vizinho de casa. A melhor parte com certeza era os animais empalhados. Ouvia-se rangidos e um cheiro estranho pairava no ar.

Hoje, o Museu das Monções está fechado, ninguém sabe muito bem o porquê, mas suspeito que seja por falta de interesse. De fato, as coisas mudaram muito desde minha última visita a tal estabelecimento, acho que faz uns dez ou onze anos. De lá para cá, me interessei por história e arte, deixei de solenizar a figura do monçoeiro, aprendi a ter nojo.

É interesse, pois foi difícil aceitar que a história contada pela perspectiva dos vencedores omita um infundável leque de atrocidades. Estupros, mortes, roubos quem sabe quantos crimes e vítimas o senhor Antônio Aranha Sardinha colecionou. Tento não pensar muito nisso, mas é “foda” toda vez que passo pelo centro, me lembro que antes estava cheio de índios.

Enfim, reconheço que o Museu das Monções foi o primeiro lugar que tive contato com expografia, arte e cultura erudita. Não me lembro de ter vivenciado nada parecido antes de subir as escadas dos “rangidos”. Ainda vivo aqui em Porto Feliz e passo por um tremendo conflito, na História da Arte que em breve serei mestre vejo vários exemplos de ativismos, alienações, vandalismos e transformações. Queria muito discutir sobre o herói monçoeiro, escachando, questionando, desconstruindo o mito.

Por outro lado, eu vejo que falta muito (auto)conhecimento, formação e recursos para o povo portofelicense entender o debate. Só nas últimas três apresentações teatrais da Semana das Monções que houve certa tentativa de mudança de discurso, embora os cortejos continuem amostrar o não-branco como submisso.

Como disse, foi difícil para entender tudo isso e só comecei a pensar sobre depois que entrei na faculdade. Aliás, foi na faculdade que tive uma experiência estética parecida, embora meu foco de investigação seja para as artes modernas e contemporâneas, tenho muito interesse pelo período Romântico e Realista da História da Arte. Teve uma excursão com o pessoal da faculdade para conhecer o

Museu Paulista, e se tem uma coisa que todo estudante de arte precisa fazer uma vez na vida é visitar o Museu Paulista.

Fui “seco” para ver o quadro da “Partida das monções”, que nada de Pedro Américo, jardim descomunal e arquitetura deslumbrante, eu queria ver “pessoalmente” o cartão postal de Porto Feliz, eu precisava sentir aquilo. Nossa foi metafísico, viajei e por mais que tudo fosse tão lindo o modo como Almeida Júnior representou a neblina me entorpeceu, fique encantado. Na época eu morava bem perto do rio e acordava cedo para trabalhar, a neblina era igualzinha àquela que me envolvia quase todo dia.

Havia um monitor, que acompanhando a visita e sob recomendações sempre pergunta se tínhamos dúvidas. Eu já não me aguentava, precisa saber:

_ Como ele produziu o efeito da neblina? E a restauração, como o pessoal faz para não perder isso? Indaguei, meio tímido.

Para minha surpresa, ele me respondeu que não tinha sido feita nenhuma restauração até então e provavelmente logo precisaria de uma. Isso acontece em 2011 e desde então nunca mais visitei o Museu Paulista, pouco tempo depois o museu foi fechado para reforma, o mesmo que disseram que seria feito no Museu das Monções.

Depois de terminar a graduação tentei quatro vezes passar em algum processo seletivo de mestrado. As duas primeiras eu fiz para Estudos Culturais na EACH- USP Leste e as outras duas em História da Arte na UNIFESP- Campus Guarulhos, onde estou prestes a apresentar minha Qualificação. Escrevi um projeto sobre Os resquícios do Romantismo na Arte Contemporânea, tentando equivocadamente comparar o “efeito de neblina” na obra de Almeida Junior com a Coleta da Neblina de Brígida Baltar. Depois de orientado e de ter amadurecido as “ideias”, acabei direcionando minha pesquisa unicamente ao Projeto da artista carioca.

A experiência que tive no Museu das Monções me estimulou pesquisar sobre a obra de Almeida Junior salvaguardada entre as paredes do Museu Paulista. Depois coma experiência concreta diante “o efeito de neblina” conheci o caráter metafísico da arte romântica. Consequentemente, o metafísico da arte romântica me levou ao imaterial da arte contemporânea. Embora eu não veja a hora que reabram ambos os museus, o que sinto mais falta é o espírito do lugar, a áurea que emana do “efeito de neblina” e do “ranger das escadarias”.

Graças ao acervo do Museu Paulista, agora Porto Feliz já tem seu aspirante para mediar o debate: “Monçoeiro, vilão ou herói” e eu a certeza de que existem lugares que me farão sempre lembrar como a sensibilidade artística é a característica mais importante que um museu pode evocar.